

## Conhecimento e percepção de alunos sobre a infecção por HIV/AIDS em uma escola indígena

### Knowledge and perception of students about HIV/AIDS infection in an indigenous school

DOI:10.34119/bjhrv6n3-314

Recebimento dos originais: 02/05/2023

Aceitação para publicação: 07/06/2023

#### **Eldevan da Silva Barbosa**

Graduando em Ciências Biológicas

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão - Campus Zé Doca

Endereço: Rua Rio Branco, S/N, Centro, Zé Doca – MA, CEP: 65365-000

E-mail: eldevansb@gmail.com

#### **Rodrigo Araújo Azevedo**

Graduando em Ciências Biológicas

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão - Campus Zé Doca

Endereço: Rua Rio Branco, S/N, Centro, Zé Doca – MA, CEP: 65365-000

E-mail: ro84532377@gmail.com

#### **Ana Gabrielly de Melo Matos**

Graduanda em Ciências Biológicas

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão - Campus Bacabal

Endereço: R. Teixeira de Freitas, 2492, 2706, Bacabal - MA, CEP: 65700-000

E-mail: gabrieellyana3@gmail.com

#### **Eurilene da Luz Silva Sousa**

Graduanda em Ciências Biológicas

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão - Campus Zé Doca

Endereço: Rua Rio Branco, S/N, Centro, Zé Doca – MA, CEP: 65365-000

E-mail: eurileneuri5@gmail.com

#### **Júlio César Carvalho de Oliveira**

Graduando em Ciências Biológicas

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão - Campus Zé Doca

Endereço: Rua Rio Branco, S/N, Centro, Zé Doca – MA, CEP: 65365-000

E-mail: juliocarvalhooliveira34@gmail.com

#### **Marcos Vinícios Alves de Sá**

Graduando em Ciências Biológicas

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão - Campus Caxias

Endereço: Morro do Alecrim, S/N, Caxias – MA, CEP: 65600-000

E-mail: mvasmarcos04@gmail.com

**Larissa Rodrigues de Sousa**

Graduanda em Ciências Biológicas

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão - Campus Zé Doca  
Endereço: Rua Rio Branco, S/N, Centro, Zé Doca – MA, CEP: 65365-000  
E-mail: larissa.rsousa@outlook.com

**Alania Frank Mendonça**

Graduanda em Ciências Biológicas

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão - Campus Zé Doca  
Endereço: Rua Rio Branco, S/N, Centro, Zé Doca – MA, CEP: 65365-000  
E-mail: frank.allanya@gmail.com

**Vanussa Viana Guajajara**

Graduanda em Ciências Biológicas

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão - Campus Zé Doca  
Endereço: Rua Rio Branco, S/N, Centro, Zé Doca – MA, CEP: 65365-000  
E-mail: guajajaravanussaviana@gmail.com

**Valéria Pacheco Dias**

Mestre em Enfermagem

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)  
Endereço: Av. Bandeirantes, 3900, Campus da USP, Ribeirão Preto - SP, CEP: 14049-900  
E-mail: enf.vpdias@gmail.com

**Jaqueline Diniz Pinho**

Doutora em Genética

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão - Campus Zé Doca  
Endereço: Rua Rio Branco, S/N, Centro, Zé Doca – MA, CEP: 65365-000  
E-mail: jackdpinho@gmail.com

**RESUMO**

O vírus da imunodeficiência humana (HIV) é o causador da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), devido a sua alta incidência, representa um problema de saúde pública. Estudos têm destacado maior vulnerabilidade dos povos indígenas quanto a transmissão do HIV, onde as baixas condições de vida, menor nível socioeconômico, educacional, exclusão social e dificuldades de serviços públicos de saúde, são fatores que influenciam a transmissão desta doença. Porém, há uma escassez de informações sobre as taxas de infecção pelo HIV/AIDS entre os povos indígenas. Portanto, o presente estudo tem como objetivo analisar o conhecimento e percepção de alunos de uma escola indígena no interior do Maranhão acerca da infecção por HIV/AIDS. Como instrumento de coleta de dados, foi aplicado um questionário que contemplava questões sociodemográficas comparando o conhecimento sobre o HIV dos alunos. A análise dos dados foi realizada através da ferramenta SPSS. Os resultados demonstraram que 60,3% dos entrevistados foram mulheres e 39,6% homens, onde apresentavam em média 14 anos de idade, no qual 39 são estudantes do ensino fundamental e 19 do ensino médio. Observou-se uma preocupante lacuna de conhecimento sobre diversos aspectos da infecção, tais como a utilização da vacina como medida preventiva (65%) e escassez de campanhas informativas (68%). Verifica-se que as variáveis sociodemográficas não interferiram no conhecimento sobre HIV/AIDS visto que não houve grandes diferenças estatísticas, porém, percebe-se que o conhecimento sobre a temática abordada é limitado.

Portanto, fica evidente a necessidade da implantação de políticas que visem a divulgação da prevenção ao combate às IST, em especial o HIV/AIDS, para comunidades indígenas.

**Palavras-chave:** AIDS, comunidades indígenas, HIV, prevenção.

## ABSTRACT

The human immunodeficiency virus (HIV) is the cause of the Acquired Immunodeficiency Syndrome (AIDS) and, due to its high incidence, represents a public health problem. Studies have highlighted a greater vulnerability of indigenous peoples regarding the transmission of HIV, where the low living conditions, lower socioeconomic and educational levels, social exclusion, and difficulties of public health services are factors that influence the transmission of this disease. However, there is a scarcity of information on HIV/AIDS infection rates among indigenous peoples. Therefore, the present study aims to analyze the knowledge and perception of students from an indigenous school in the interior of Maranhão about HIV/AIDS infection. As an instrument for data collection, a questionnaire was applied that included sociodemographic questions comparing the students' knowledge about HIV. Data analysis was performed using the SPSS tool. The results showed that 60.3% of the interviewees were women and 39.6% were men, with an average age of 14 years, of which 39 were elementary school students and 19 high school students. A worrying gap of knowledge about various aspects of the infection was observed, such as the use of the vaccine as a preventive measure (65%) and lack of information campaigns (68%). It was verified that the sociodemographic variables did not interfere in the knowledge about HIV/AIDS, since there were no great statistical differences. Therefore, it is evident the need for the implementation of policies aimed at the dissemination of prevention and combat of STIs, especially HIV/AIDS, for indigenous communities.

**Keywords:** AIDS, indigenous communities, HIV, prevention.

## 1 INTRODUÇÃO

O vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) apresenta ocorrência em diferentes regiões do mundo, onde sua transmissão depende exclusivamente do comportamento humano individual e coletivo (BRITO et al., 2001). O HIV é o causador da AIDS, considerado um enorme problema de saúde pública mundial devido a sua pertinência pandêmica (VERAS et al., 1998; RIBEIRO et al., 2020).

Segundo um levantamento da *United Nations Programme on HIV/AIDS* (UNAIDS), o programa das Nações Unidas contra a AIDS indica que há cerca de 38,4 milhões de pessoas no mundo que vivem com HIV nos anos de 2021 (BRASIL, 2022), sendo que no Brasil há cerca de 355.868 casos registrados de HIV entre os anos 2010 e 2021, com a região nordeste apresentando a maior porcentagem de casos de HIV (MATOS; ZOLLNER, 2022). No Maranhão, segundo Rodrigues et al., (2022) foram registrados 16.220 casos de AIDS para o Estado.

O HIV foi registrado pela primeira vez na população indígena no ano de 1988 (BRASIL MS, 2002) e desde então, tem sido observado um aumento significativo nos casos de contaminação por essa infecção. Ao longo da história, observa-se que os povos indígenas têm sido acometidos por diversas epidemias infectocontagiosas. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020; NUNES et al., 2022; RIBEIRO et al., 2020).

Existem diversas formas de transmissão do HIV, entre elas estão: relação sexual desprotegida, por meio oral, vaginal ou anal, transfusão de sangue ou compartilhamento de agulhas, seringas ou instrumentos cortantes/perfurantes. Além desses meios de transmissão, ocorre também por forma vertical em mulheres gestantes soropositivas para o bebê; durante a gestação; no parto ou amamentação (WOHLGEMUTH et al., 2020; BRASIL, 2022).

Há escassez de informações para estimar a dimensão da infecção pelo HIV e AIDS entre os povos indígenas a nível nacional. Todavia, pesquisas demonstram altas prevalências de IST e expansão de casos de infecção pelo HIV, principalmente nas regiões com alta mobilidade de pessoas (GRAEFF et al., 2021).

Tendo isso em vista a relevância da necessidade da conscientização dessas comunidades acerca dessa infecção, este estudo busca auxiliar no melhor entendimento do HIV entre os povos indígenas. Portanto, o presente estudo objetivou analisar o conhecimento e percepção de alunos de uma escola indígena acerca da infecção por HIV/AIDS.

## **2 METODOLOGIA**

### **2.1 ASPECTOS ÉTICOS**

O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP), sob o número: 46888321.3.0000.5554, atendendo às recomendações da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2012) e respeitando os preceitos da Declaração de Helsinque.

### **2.2 TIPO DE ESTUDO**

Trata-se de um estudo descritivo com amostra de conveniência. O questionário contemplava questões como: gênero, religião, escolaridade, estado civil, serviço de saúde, idade, número de filhos e renda familiar. As variáveis utilizadas para caracterizar o conhecimento sobre HIV/AIDS foram por meio de comunicação, por onde soube a maioria das informações (TV, internet, UBS etc.), saber e citar a(s) forma(s) de transmissão e quem pode ser infectado (homem/mulher/criança). Já as variáveis relacionadas às atitudes preventivas, ter visto ou ouvido alguma campanha de HIV e/ou IST.

### 2.3 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram tabulados em *Microsoft Excel 2019*, onde foi registrado as seguintes informações: gênero, religião, escolaridade, estado civil, serviço de saúde, idade, número de filhos, renda familiar, onde obteve informações (TV, internet, UBS etc.), quem pode ser infectado (homem/mulher/criança) e forma(s) de transmissão. A análise foi realizada com o SPSS utilizando o teste do Qui-Quadrado ( $\chi^2$ ) para associação dos dados. Esses dados estão expostos em forma de gráficos e tabelas, mostrando sua frequência, frequência absoluta relativa e frequência absoluta percentual.

### 3 RESULTADOS

Nota-se que a maioria dos participantes entrevistados eram mulheres com 60,3% (n=35), seguido pelos homens com 39,7 (n=23) totalizando 58 indivíduos entrevistados. Os participantes tinham em média 14 anos de idade, no qual 39 são estudantes do ensino fundamental e 19 do ensino médio, tabela 01. Todos os alunos que participaram da pesquisa são solteiros e não possuem filhos, nota-se ainda que a população estudada possui uma baixa renda. Em relação ao serviço de saúde 88% utilizam o serviço de saúde pública, no qual 59% conhecem sobre o vírus do HIV.

Tabela 01- Associação das características sociodemográficas comparando o conhecimento relatado sobre o HIV dos alunos da escola indígena

	Você sabe o que é HIV?		p-valor
	Sim	Não	
<b>Sexo (N=32)</b>			0,99
Masculino	6 (19%)	3 (9%)	
Feminino	16(50%)	7 (22%)	
<b>Escolaridade (N=32)</b>			0,03*
Ensino fundamental	14(44%)	10 (31%)	
Ensino médio	8 (25%)	0	
<b>Renda familiar (N=22)</b>			0,99
Menos de um salário-mínimo	4 (18%)	3 (14%)	
Salário-mínimo	8 (36%)	6 (27%)	
Dois salário-mínimo	1 (5%)	0	
<b>Serviço de saúde (N=32)</b>			1,00

Público	19(59%)	9 (29%)
Privado	3 (9%)	1 (3%)
<b>Religião (N=28)</b>		0.01*
Católico*	1 (4%)	4 (14%)
Protestante	5 (18%)	2 (7%)
Outros*	14(50%)	2 (7%)

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

\*= Diferença estatística

Dentre as doutrinas e religiões abordadas, fica evidente na tabela 01 que os indivíduos pertencentes a outras religiões, são detentores de maior conhecimento sobre o HIV, além disso nota-se uma diferença estatística entre católicos e outras religiões.

Através da análise da Tabela 02, pode-se constatar o nível de conhecimento da população pesquisada em relação ao vírus. Verifica-se uma preocupante lacuna de conhecimento sobre diversos aspectos da infecção, tais como a utilização da vacina como medida preventiva e escassez de campanhas informativas. É preocupante constatar essa falta de informação, o que ressalta a importância de campanhas educativas para disseminar informações precisas e atualizadas sobre o tema.

Tabela 02- Principais conhecimentos relatados pela população entrevistada

Características	Sim	Não
Existe vacina contra o HIV?	22 (65%)	12 (35%)
Você já fez exame para detectar HIV?	03 (5%)	52 (95%)
Já viu ou ouviu alguma campanha de IST?	11 (32%)	23 (68%)
Usa preservativos?	34 (79%)	9 (21%)

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

O questionário ainda abordou questões qualitativas, como: quais fatores podem causar a contaminação do HIV, com base no seu conhecimento religioso e popular? no qual, os relatos apontam para: relações sexuais desprotegidas, falta de informação, higiene e através de abraço e aperto de mão, além disso, um dos entrevistados enfatiza “*Porque quiseram pegar*”. Indicando assim que pacientes portadores do HIV são responsáveis pela contaminação.

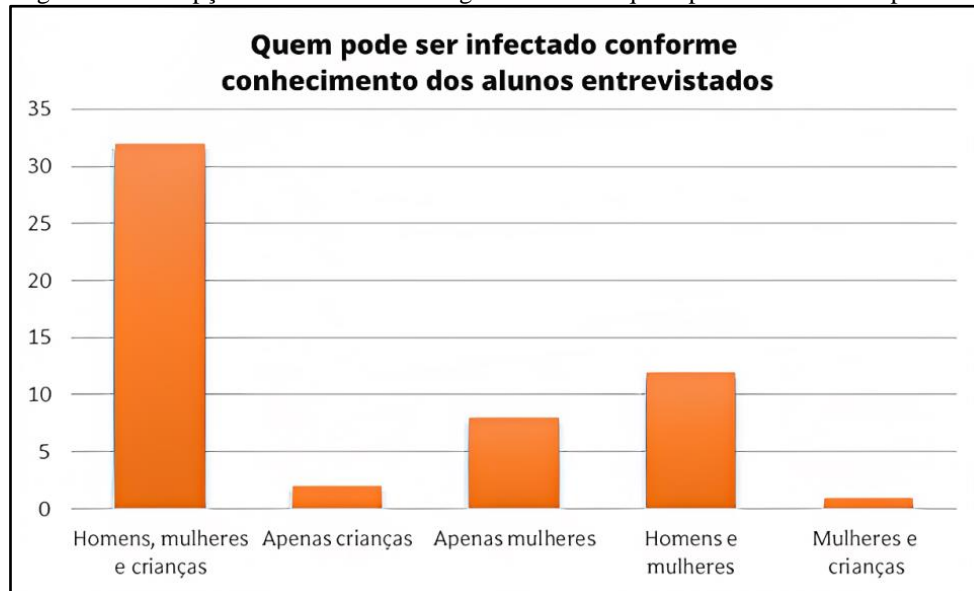
Além disso, verificou-se que 40% (n=23) dos participantes, apontaram a existência de tratamentos naturais ou alternativos, onde desses 23, somente 17 justificaram sua resposta com:

coquetéis (n=05), remédios naturais (n=06), remédios farmacêuticos (n=03) e vacinas (n=03). Complementando a variável “remédios naturais”, parte da população estudada afirma a existência de recurso capaz de tratar esta infecção, onde um dos entrevistados indicou a espécie *Picrasma crenata*, conhecida popularmente como pau-amargo como uma planta que apresenta tais propriedades.

Dos indivíduos que participaram da pesquisa, nota-se que 65% responderam que existe vacina contra o HIV, enquanto 35% relataram que não existe vacina, sendo que destes, quatro pessoas apontaram que existe tratamento.

Na figura 01 pode-se observar que 58% dos participantes da pesquisa possuem uma percepção correta acerca de quem pode ser infectado pelo HIV, onde relatam que homens, mulheres e crianças estão propícios à infecção.

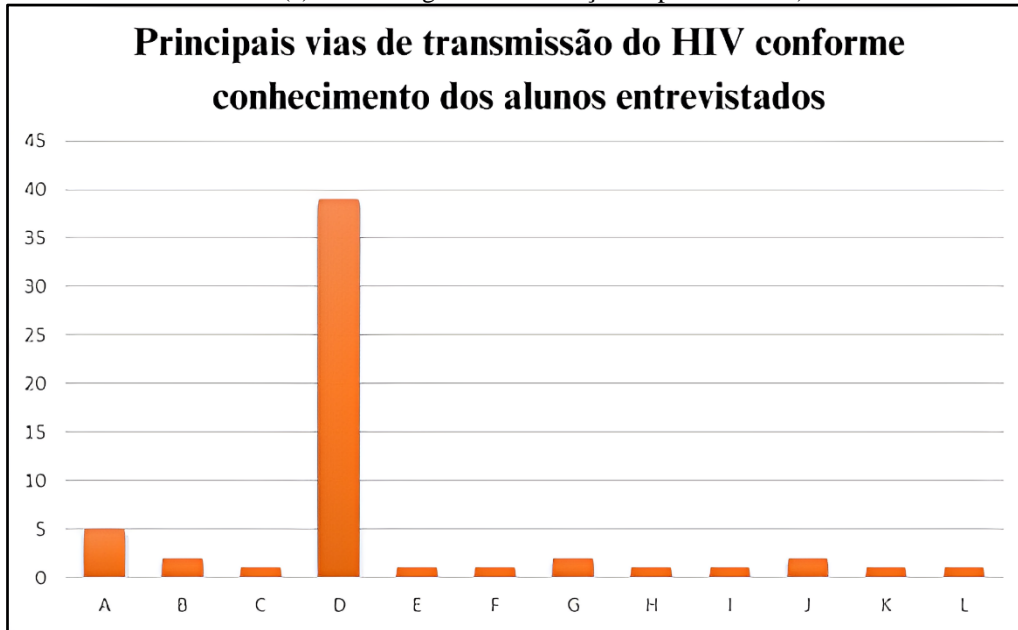
Figura 01- Percepção da comunidade indígena acerca de quem pode ser infectado por HIV



Apesar de 68% dos entrevistados correlacionarem a transmissão do vírus com sexo vaginal/oral/anal, 12% relataram que abraço e aperto de mãos também é uma das vias utilizada pelo parasita, além disso uma baixa porcentagem (6%) conhece sobre a transmissão vertical que ocorre durante a gravidez (Figura 03).

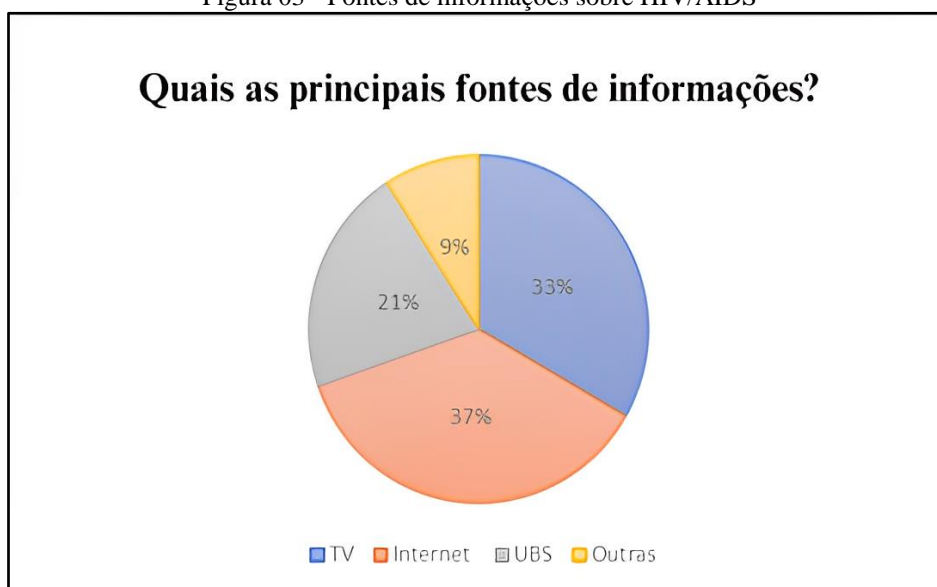


Figura 02- Principais vias de transmissão do HIV conforme conhecimento da população indígena entrevistada- **A** (Abrço e aperto de mãos); **B** (De mãe para o (a) filho (a) durante a gravidez); **C** (Roupas íntimas contaminadas); **D** (Sexo vaginal/oral/anal); **E** (Sexo vaginal/oral/anal e abraços e aperto de mão); **F** (Sexo vaginal/oral/anal e abraços e aperto de mão); **G** (Sexo vaginal/oral/anal e roupas íntimas contaminadas); **H** (Sexo vaginal/oral/anal; Roupas íntimas e de mãe para o (a) filho (a) durante a gravidez); **I** (Sexo vaginal/oral/anal; Roupas íntimas contaminadas); **J** (Sexo vaginal/oral/anal; Roupas íntimas contaminadas e de mãe para o filho durante a gravidez); **K** (Sexo vaginal/oral/anal; Roupas íntimas contaminadas, contato com feridas e abraços e aperto de mão); **L** (Sexo vaginal/oral/anal; Roupas íntimas contaminadas, contato com feridas, de mãe para o (a) filho (a) durante a gravidez e abraços e aperto de mão).



Ademais, verificou-se que 37% adquirem conhecimentos sobre o vírus através da internet, enquanto apenas 21% obtêm essas informações em Unidades Básicas de Saúde (UBS) (Figura 03), o que pode ser um problema já que muitas informações são divulgadas de forma errônea nas mídias sociais.

Figura 03 - Fontes de informações sobre HIV/AIDS





Esses dados mostram-se preocupantes uma vez que parte da amostra estudada possui vida sexual ativa, além disso, a população indígena entrevistada possui baixo nível de conhecimento sobre esta infecção, sendo assim, meios de conscientização se tornam necessários para evitar a taxa de infecção desta doença.

#### 4 DISCUSSÃO

Os dados elencados mostram que os indivíduos do sexo biológico feminino representam maior parte dos entrevistados da comunidade indígena, totalizando 60%, estes dados são similares a Oliveira et al., (2012), que realizou um estudo sobre a situação de vida, saúde e doença da população Potiguara, e verificaram que 80% da amostra estudada eram mulheres, corroborando, portanto, com o presente estudo.

Em relação ao nível de conhecimento dos participantes da pesquisa, acerca do HIV, foi possível identificar que a maioria dos entrevistados afirmaram saber do que se trata o vírus. Em pesquisas anteriores com pessoas não indígenas, constava-se que mulheres possuíam mais conhecimentos em relação à transmissão do HIV (NATIVIDADE; CAMARGO, 2011). Além disso, ao comparar as informações coletadas em pesquisas sobre o conhecimento da transmissão do HIV nos anos de 1998 e 2005, constatou-se um aumento significativo no número de homens que estão cientes sobre esse microrganismo (NATIVIDADE; CAMARGO, 2011). Portanto, não é possível quantificar com precisão a diferenças entre homens e mulheres em relação ao conhecimento sobre o vírus, o que pode ser reflexo da escassez de informações disponíveis, tornando difícil a avaliação do nível de conhecimento de acordo com o sexo. Na presente pesquisa, não foi constatada diferença estatística, uma vez que a quantidade de homens e mulheres que responderam às perguntas não foi igual para ambos os sexos, impossibilitando a quantificação exata dessa diferença.

Foi possível analisar a escolaridade dos sujeitos que participaram da pesquisa, no qual, 44% dos estudantes de ensino fundamental responderam que sabem o que é HIV, e 25% dos indivíduos do ensino médio também apontam a mesma resposta, onde foi possível notar uma diferença estatística entre ambas, ao contrário desses dados, Pereira et al., (2022) apresentou que a educação está significativamente associada aos níveis de conhecimento em saúde, o que explica 59,5% dos casos de HIV, possuem apenas o ensino fundamental. Todavia, os resultados opostos podem ser respondidos pelo baixo número de entrevistados com ensino fundamental completo, na atual pesquisa.

Conforme resultados obtidos é notável que a amostra estudada possui baixa renda, no qual se encaixam em padrões de alta vulnerabilidade. Bastos et al., (2017), descreve em seu

estudo que o rendimento mensal de pessoas/famílias indígenas brasileiras é de até um salário-mínimo. Esses resultados fortalecem os achados do presente trabalho, onde apontam que a vulnerabilidade econômica está relacionada com diversos fatores, destacando principalmente a desigualdade social e dificuldade ao acesso à saúde pública e baixa condição de vida (GRAEFF et al., 2019).

Por não haver um número significativo de indivíduos casados, não foi possível constatar se existe uma diferença de conhecimento no estado civil, apesar dessas limitações é possível identificar que 32% dos solteiros entrevistados afirmaram não saber o que é HIV, tais achados podem ser explicados pelo fato de terem tido pouco acesso a informações a respeito do assunto durante o percurso de sua vida no ambiente educacional. Nas análises feitas por Gomes et al., (2017) pode-se observar que o baixo conhecimento sobre o vírus se dar por fatores como: menor escolaridade, idade menor de que 25 anos e maior que 50; nunca ter realizado teste para HIV, e não usar preservativos nas relações sexuais e por terem menor número de parceiros sexuais.

Em relação a campanhas de IST, um estudo de Abreu et al., (2018) relacionado ao HPV, com a variável semelhante, apresentou que 77,7% dos seus entrevistados já viram ou ouviram sobre campanhas sobre IST, tais resultados mostram-se opostos ao presente estudo, em que se constata que 68% dos participantes nunca viram ou ouviram sobre essas campanhas. Portanto, ressalta-se a necessidade de realizações de ações de intervenções que visem a prevenção e conscientização.

Pimenta et al., (2014) e Raiol et al., (2021) destacam a urgência na implementação de campanhas de IST, onde necessitam de mais investimentos para que possam ser ampliadas para toda sociedade, sendo necessário a intensificação do processo de ensino e aprendizagem nos espaços formais e informais para promover o avanço da saúde pública.

Estudos recentes apontam que a maioria dos indivíduos usam preservativos em relações sexuais. No estudo de Alves e Ramos (2019), 97% dos entrevistados relataram que utilizam preservativo durante relações sexuais, enquanto 2,9% dos entrevistados preferem não utilizar, resultados semelhantes foram obtidos por Castelo-Branco (2021), cuja 58,7% da população da comunidade indígena Karipuna em Oiapoque fazem uso da mesma medida de segurança. Reforçando assim os achados do presente estudo, devido a isto, podemos observar que grande parte dos entrevistados possuem conhecimento sobre a importância do uso de preservativos.

Porém, é necessário ressaltar que embora a maioria dos entrevistados usam preservativos, muitos deles são muito jovens, o que reflete a entrada precoce na vida sexual. A vida sexual precoce é um preocupante problema de saúde pública, pois podem trazer consigo diversos fatores de riscos, tais como gravidez indesejada ou infecções por IST, o que demonstra

a importância da educação sexual (FERNANDES, 2021). Alguns estudos como o de Alves e Ramos (2019) e Pereira et al., (2014) mostraram indícios de vida sexual precoce em seus resultados, destacando os eventuais problemas que tal prática pode ocasionar. Trabalhos como o de Gonçalves et al., (2015) e Silva (2015) relatam esses problemas, destacando que quanto mais precoce for o início da vida sexual, maior será o número de parceiros sexuais, ocorrendo assim, maior possibilidade de adquirir IST.

Muitos pacientes portadores do HIV/Aids utilizam a religião como fortalecimento para enfrentamento das fragilidades expostas pelo vírus, Angelim et al., (2017) enfatiza que a religião é uma forma de acolhimento e de apoio ao enfrentamento dos aspectos morais das repercussões clínicas do adoecimento. Tendo isto como base pode-se observar que na variável religião, houve diferença estatística quando comparados indivíduos de religião católica com outras doutrinas religiosas, mostrando que o número de indivíduos com outras religiões que sabem sobre HIV é maior do que pessoas católicas.

Alguns dos relatos com base no conhecimento religioso e popular desses sujeitos indicam a falta de informações na amostra estudada, no qual pode-se notar que esse público caracteriza os portadores de HIV como responsáveis pela contaminação. No estudo de Camargo et al., (2009) relatos semelhantes foram encontrados, cujos sujeitos declararam que a irresponsabilidade nos intercursos sexuais culmina na soropositividade, causando, portanto, o sentimento de culpa. De acordo com esses achados é de extrema importância a existência de profissionais capacitados a fim de elucidar tais desinformações.

Dentre alguns tratamentos alternativos citados, evidenciou-se a mesma equivalência entre os coquetéis e remédios naturais, seguidos de remédios farmacêuticos e vacinas, observando assim, um pareamento entre desinformação e conhecimento. Os coquetéis são medicamentos antirretrovirais com a capacidade de diminuir a carga viral do HIV, enquanto os remédios naturais são utilizados em associação a baixa dos sintomas causados pelos medicamentos, mas não está relacionado a diminuição da carga viral (ALMEIDA, 2012; SOUSA et al., 2019).

A utilização de plantas com finalidade terapêutica é uma prática comum, principalmente em portadores de doenças crônicas (HSIAO et al., 2003) sendo citada por um dos participantes, o “pau amargo” *Picrasma crenata* (Vell.) Engl, uma planta medicinal utilizada como tratamento desta infecção. Esta planta apresenta funções febrífuga, antissifilítica, antimalárica, tônica e inseticida (DEBENEDETTI et al., 2002), apesar de suas diversas funções, não foi encontrado na literatura sua relação com o HIV/AIDS.

O HIV é um vírus de DNA que possui capacidade de infectar linfócitos, estando relacionada a baixa do sistema imunológico, podendo vir a acarretar a AIDS (FIOCRUZ, 1998). Devido a sua pertinência pandêmica, a utilização de vacinas para tratar o vírus seria ideal, no entanto, até o momento, não existe vacina para tal infecção, somente tratamento a fim de promover melhor qualidade de vida para os indivíduos infectados (LIMA, 2018). Observando os dados expostos, a comunidade indígena estudada apresenta alto nível de desinformação, onde 65% relataram a existência de vacinas (tabela 02).

Em discordância, Brêtas (2009), verificou que 9% da população entrevistada em seu estudo, apontam cura para Aids. Algumas condições podem explicar a expressividade neste presente trabalho, como: a possibilidade de os entrevistados terem confundido a vacina do HPV com o HIV, visto que alguns casos, os participantes relataram já ter tomado essa vacina.

Sabe-se que o início do HIV surgiu através de um tipo de chimpanzé (*Pan troglodytes*) na África ocidental como a fonte de infecção por HIV em humanos, no qual esses indivíduos caçavam esses animais e comiam de sua carne, o que levou ao contato direto com o sangue infectado, essa infecção pode-se dar em qualquer estágio da vida, seja na infância ou na vida adulta (UNAIDS, 2022). Condizente com essas informações 58% dos entrevistados do presente estudo afirmam que homens, mulheres e crianças estão sujeitos a serem infectados por esse microrganismo. Ressalta-se ainda que evidências mostram que no Brasil, houve um aumento de infectados na população com mais de 50 anos, estando isso relacionado a diminuição do uso de preservativo nas relações a partir desta idade por ter uma vida sexual estável ou por associarem o uso do preservativo com o desempenho sexual (PINTO et al, 2016).

Segundo Tavares et al., (2021), a via sexual é o principal meio de transmissão do HIV, onde se mostra predominante em heterossexuais masculinos. Confirmando os dados obtidos em relação ao conhecimento dos povos originários sobre as vias de transmissão, verificou-se que 68% dos entrevistados correlacionaram a transmissão do vírus com sexo vaginal/oral/anal, além de relatarem algumas outras vias, a saber: roupas íntimas contaminadas, contato com feridas, abraços e aperto de mão e de mãe para o filho durante a gravidez. Em uma pesquisa semelhante, os participantes visualizam as principais formas de transmissão do vírus cientificamente comprovadas, como a relação sexual desprevénida, a transmissão por meio de objetos perfurocortantes contaminados e transfusão sanguínea, todavia, também relataram que os indivíduos portadores de HIV possuem culpa pela infecção (ANGELIM et al., 2017).

Os dados obtidos acerca das vias de transmissão são preocupantes, tendo em vista que 12% afirmam que abraços e aperto de mão é uma forma de transmissão, além disso são poucos (6%) os que conhecem sobre a forma vertical de transmissão. Portanto, fica evidente a

necessidade de trabalhar questões voltadas para a saúde dentro da sala de aula, com finalidade de desmistificar mitos mencionados na pesquisa.

Evidencia-se que 37% dos participantes da pesquisa, utilizam as mídias sociais para obter informações a respeito do HIV/Aids, sendo esse um dos fatores que implica na desinformação do tema abordado, já que muitas informações são divulgadas de forma errada. Confirmando esses dados Costa et al., (2020), relatam em seu estudo que os entrevistados tiveram acesso a diferentes fontes de informações sobre HIV/AIDS durante a vida, mas apesar de 93% afirmarem ter acesso aos meios de comunicação baseados na internet, apenas 11% afirmaram ter visto alguma campanha de prevenção da AIDS nesse veículo.

## 5 CONCLUSÃO

Com base nos dados obtidos, conclui-se que o conhecimento sobre HIV/AIDS não está relacionado às variáveis sociodemográficas. No entanto, é importante destacar que a escolaridade é um fator significativo para o conhecimento sobre a temática, visto que houve diferenças entre os estudantes com diferentes graus de escolaridade. Apesar de muitas pessoas afirmar saber sobre o que é o HIV, percebe-se que o conhecimento sobre a temática é limitado. De acordo com a literatura, isso pode ser explicado pelo fato de que essa população está incluída em níveis elevados de vulnerabilidade, o que pode afetar o conhecimento sobre o agente infeccioso. Portanto, torna-se evidente a necessidade de políticas públicas de saúde que visem à divulgação da prevenção e combate às IST, especialmente o HIV/AIDS, para as comunidades indígenas. Além disso, destaca-se a importância de pesquisas futuras nessas comunidades, dadas as limitações do presente estudo.

## REFERÊNCIAS

- Abreu, M. N. S., Soares, A. D., Ramos, D. A. O., Soares, F. V., Nunes Filho, G., Valadão, A. F., & Motta, P. G. D. (2018). Conhecimento e percepção sobre o HPV na população com mais de 18 anos da cidade de Ipatinga, MG, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(3), 849-860. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018233.00102016>
- Almeida, F. M. D., Alves, M. T. S. S. D. B., & Amaral, F. M. M. D. (2012). Uso de plantas com finalidade medicinal por pessoas vivendo com HIV/AIDS em terapia antirretroviral. *Saúde e Sociedade*, 21, 424-434. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902012000200015>
- Alves, A. P. B., & Ramos, B. A. (2019). Vulnerabilidade da transmissão sexual do vírus da imunodeficiência humana (HIV): representações sociais de universitários indígenas do Instituto Insikiran de formação superior indígena. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 11(8), 197-197. <https://doi.org/10.25248/reas.e197.2019>
- Angelim, R. C. D. M., Pereira, V. M. A. O., Freire, D. D. A., Brandão, B. M. G. D. M. & Abrão, F. M. D. S. (2017). *Saúde em Debate*, 41(112), 221-229.
- Bastos, J. L., Santos, R. V., Cruz, O. G., Longo, L. A. F. D. B., & Silva, L. O. D. (2017). Características sociodemográficas de indígenas nos censos brasileiros de 2000 e 2010: uma abordagem comparativa. *Cadernos de Saúde Pública*, 33, sup. 1: e00085516. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00085516>
- Brasil, MS. (2002). *Fundação Nacional de Saúde. Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas*. 2ª edição - Brasília: Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde, DOU nº 26 - Seção 1, p. 46 a 49.
- Brasil, MS. (2006). *HIV/Aids, hepatites e outras DST*. (Caderno de Atenção Básica, n.18) (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Brasília: Ministério da Saúde. [https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/publicacoes-svs/atencao-basica/cadernos-de-atencao-basica\\_-hiv-aids\\_hepatites\\_ist.pdf/view](https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/publicacoes-svs/atencao-basica/cadernos-de-atencao-basica_-hiv-aids_hepatites_ist.pdf/view)
- Brasil, MS. (2008). *Recomendações Para Terapia Antirretroviral em Adultos e Adolescentes Infectados pelo HIV*. Ministério da Saúde - Programa Nacional de DST e aids, Brasília. <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4502878/4114621/profilaxiaposexposicaosexualaeadicidntesmatbiologicos.pdf>
- Brasil. (2022). *Programa conjunto das Nações Unidas sobre o VIH/AIDS – UNAIDS. Informações básicas*. <https://unaids.org.br/informacoesbasicas/>.
- Brasil. (2022). *Transmissão*. <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/aids-hiv/transmissao-da-aids-hiv>.
- Brêtas, J. R. D. S., Ohara, C. V. D. S., Jardim, D. P. & Muroya, R. D. L. (2009). Conhecimentos de adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis: subsídios para prevenção. *Acta paulista de enfermagem*, 22, 786-792. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002009000600010>



Brito, A. M. De., Castilho, E. A. De., & Szwarcwald, C. L. (2001). AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, 34(2), 207-217. <https://doi.org/10.1590/S0037-86822001000200010>

Camargo, B. V., Bertoldo, R. B., & Barbará, A. (2009). *Representações sociais da aids e alteridade. Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(3), 710-723. <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844630011.pdf>

Castelo-Branco, F. M. F., & Vargas, D. (2021). Binge drinking e fatores associados em indígenas da etnia Karipuna. *SMAD. Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas*, 17(1), 7-16. DOI: 10.11606/issn.1806-6976.smad.2021.16799

Costa, F. C. A., Soares, F. V., & Domingos, P. R. C. (2020). Perfil informacional de uma população jovem a respeito da AIDS e suas consequências. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, (47), e3173-e3173. <https://doi.org/10.25248/reas.e3173.2020>

Conselho Nacional de Saúde. (2012). Resolução nº 466, 12 de dezembro de 2012, aprovar as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>.

Debenedetti, S., Muschietti, L., Van Baren, C., Clavin, M., Broussalis, A., Martino, V., & Steele, J. (2002). In vitro antiplasmodial activity of extracts of Argentinian plants. *Journal of ethnopharmacology*, 80(2-3), 163-166. [https://doi.org/10.1016/S0378-8741\(02\)00024-7](https://doi.org/10.1016/S0378-8741(02)00024-7).

Fernandes, I., & Alves de Toledo Bruns, M. (2021). REVISÃO SISTEMATIZADA DA LITERATURA CIENTÍFICA NACIONAL ACERCA DA HISTÓRIA DO HIV/AIDS. *Revista Brasileira De Sexualidade Humana*, 32(1). <https://doi.org/10.35919/rbsh.v32i1.916>

Fiocruz, 2021. *HIV e AIDS nunca deixaram de ser uma pandemia*. EPSJV/Fiocruz. <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/entrevista/hiv-e-aids-nunca-deixaram-de-ser-uma-pandemia>

Gomes, R. R. D. F. M., Ceccato, M. D. G. B., Kerr, L. R. F. S., & Guimarães, M. D. C. (2017). Fatores associados ao baixo conhecimento sobre HIV/ AIDS entre homens no Brasil. *Caderno de Saúde Pública no Brasil*, 33(10), 1-15. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00125515>

Gonçalves, H., Machado, E. C., Soares, A. L. G., Camargo-Figueira, F. A., Seerig, L. M., Mesenburg, M. A., & Menezes, A. M. B. (2015) Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 18, 25-41. <https://doi.org/10.1590/1980-5497201500010003>

Graeff, S. V. B., Pícolli, R. P., Arantes, R., Castro, V. D. O. L. D., & Cunha, R. V. D. (2019). Aspectos epidemiológicos da infecção pelo HIV e da aids entre povos indígenas. *Revista de Saúde Pública*, 53:71. <https://doi.org/10.11606/S1518-8787.2019053000362>

Graeff, S. V., Pícolli, R. P., Arantes, R., & Cunha, R. V. D. (2021). Evolution of HIV infection in Indigenous people in Central Brazil. *Cadernos de Saúde Pública*, 37(12), 1-13. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00062920>



Hsiao, A.F., Wong, M.D., Kanouse, D.E., Collins, R.L., Liu, H., Andersen, R.M., Gifford, A.L., McCutchan, A., Bozzette, S.A., Shapiro, M.F., Wenger, N.S; HCSUS Consortium Complementary and alternative medicine use and substitution for conventional therapy by HIV-infected patients. (2003). *Journal of Acquired Immune Deficiency Syndromes*, Hagerstown, v. 33, n. 2, p. 157-65

Lima, I. B. (2018). Importância do diagnóstico precoce de HIV para a eficácia terapêutica e o bem-estar do paciente. *Ces revista*, 32(1), 57-71. <http://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cesRevista/article/view/1468/956>

Matos, A. F. de M., & Zöllner, M. S. A. (2022). Epidemiologia das infecções por HIV entre 2010 e 2021 no Brasil. *The Brazilian Journal of Infectious Diseases*, 26, 102614. <https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102614>

Ministério da Saúde. (2020). Vulnerabilidades, impactos e o enfrentamento ao Covid-19 no contexto dos povos indígenas: reflexões para a ação. Fiocruz, 1–5. <https://portal.fiocruz.br/observatorio-covid-19>

Natividade J. C., & Camargo B. V. (2011). Representações sociais, conhecimento científico e fontes de informação sobre a Aids. *Rede de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal*, 21(49), 165-174. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000200004>

Nunes, D. A. De S., Silva, A. S. Da., & Oliveira, M. L. F. De. (2022). Infecção pelo HIV/Aids em população indígena: estudo transversal. *Research, Society and Development*, 11(3), e12711325985. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i3.25985>

Oliveira, R. D. C. C. D., Silva, A. O., Maciel, S. C. & Melo, J. R. F. D. (2012). Situação de vida, saúde e doença da população indígena Potiguara. *Revista Mineira de Enfermagem*, 16(1), 81-90.

Pereira, A. L., da Silva, L. R., Palma, L. M., de Assis Moura, M., Pereira, L. L., & Moura, L. C. L. (2022). Impacto da escolaridade na transmissão do HIV e da Sífilis. *Revista Interdisciplinar Ciências Médicas*, 6(1), 19-23. <http://200.169.1.56/ojs/index.php/ricm/article/view/732/135>

Pereira, B.S, Costa, M.C.O; Amaral, M.T.Reis., Costa, H.S; Silva, C.A.L; Sampaio, V.S. (2014). Fatores associados à infecção pelo HIV/AIDS entre adolescentes e adultos jovens matriculados em Centro de Testagem e Aconselhamento no Estado da Bahia, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, n. 3, p. 747-758. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014193.16042013>.

Pimenta, A. T. M., Melli, P. P. S., Duarte, G., & Quintana, S. M. (2014). Conhecimento de mulheres sobre alguns aspectos do papiloma vírus humano. *Revista de Medicina (Ribeirão Preto)*, 47(2), 143-148. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v47i2p143-148>

Pinto, A. F., Kauffmann, L. K. D. O., Penha, H. P. D. S., Rodrigues, E. L. J., Miranda, R. D. N. A., Guterres, A. D. S., & Cardoso, T. J. S. (2016). Estado nutricional e alterações gastrointestinais de pacientes hospitalizados com HIV/aids no Hospital Universitário João de Barros Barreto em Belém, Estado do Pará, Brasil. *Revista Pan-Amazônica de Saúde*, 7(4), 47-52. <http://dx.doi.org/10.5123/s2176-62232016000400006>.

Raiol, I. F., dos Santos, M. P. Q., Barros, J. B., Corvello, C. M., Fonseca, A. C. M., Monteiro, D. L. C., & de Miranda, S. A. (2021). A percepção dos cidadãos sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST): Relato de experiência. *Research, Society and Development*, 10(4), e15910413923-e15910413923. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i4.13923>

Ribeiro, V. F., Alves, A. P. B., Argenta, L. B., & Dos Santos Barreto, H. C. (2020). Estudo epidemiológico sobre o vírus da imunodeficiência humana (HIV) em indígenas do estado de Roraima entre 2010 a 2018. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 12(7), e3447-e3447. <https://doi.org/10.25248/reas.e3447.2020>

Rodrigues, T. H. B., Nogueira, A. L. A., da Silva, F. D. V., Araújo, T. E., & Rios, C. T. F. (2022). Acolhimento prestado pelos profissionais de enfermagem às gestantes/parturientes portadoras do vírus HIV em uma maternidade de São Luís-Maranhão. *Scientia Generalis*, 3(1), 160-172. <http://scientiageneralis.com.br/index.php/SG/article/view/388>.

Silva, A. D. S. N., Silva, B. L. C. N., Da Silva Júnior, A. F., Da Silva, M. C. F., Guerreiro, J. F., & De Araújo, A. D. S. C. (2015). Início da vida sexual em adolescentes escolares: um estudo transversal sobre comportamento sexual de risco em Abaetetuba, Estado do Pará, Brasil. *Revista Pan-Amazônica de Saúde*, 6(3), 8-8. <https://doi.org/10.5123/S2176-62232015000300004>

Souza, H. C. D., Mota, M. R.; Alves, A. R.; Lima, F. D., Chaves, S. N., Dantas, R. A. E. et al. (2019). Análise da adesão ao tratamento com antirretrovirais em pacientes com HIV/AIDS. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 72, p. 1295-1303, 2019.

Tavares, M. D. P. M., de Souza, R. F., Tavares, A. D. P. M., de Castro Vilela, M. F., de Souza, V. F., Fontana, A. P., & de Sousa Machado, L. C. (2021). Perfil epidemiológico da AIDS e infecção por HIV no Brasil: Revisão bibliográfica. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(1), 786-790. <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n1-068>

UNAIDS, 2022. *Estatísticas globais sobre HIV 2021, 2022*. <https://unaids.org.br/estatisticas/>

Veras, R. P., Barreto, M. L., Almeida Filho, N. & Barata, R. B. (1998). *Epidemiologia: contextos e pluralidade*. Editora FIOCRUZ. <https://books.scielo.org/id/p5z3b>

Wohlgemuth, M. D. G. C. L., Polejack, L., & Seidl, E. F. (2020). Jovens universitários e fatores de risco para infecção pelo HIV: uma revisão de literatura. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, 6(1). <https://doi.org/10.23899/relacult.v6i1.1631>